

ADAM SMITH EM PEQUIM

ORIGENS E FUNDAMENTOS DO SÉCULO XXI

GIOVANNI ARRIGHI

Adam Smith em Pequim faz um balanço crítico da literatura desenvolvida nos Estados Unidos, nos últimos anos, sobre o futuro do possível – e mais ou menos próximo – estabelecimento da hegemonia da China sobre o sistema mundial e suas implicações nos mais diversos campos da política.

Ilustração dos Santos

As consequências da ascensão da China são grandiosas. Rescapulsação excessiva dos Estados Unidos, como o Japão ou a França, nem é uma real possibilidade. Estados como Hong Kong, Singapura, Índia ou Taiwan podem manter a sua liberdade quando comparado com o crescimento e o poder econômico de seus vizinhos, ainda dependa das exportações. A riqueza e o poder econômico dependem igualmente de importação de mercadorias chinesas baratas e da compra, por parte da China, de títulos do governo norte-americano.

© Italo José do Projeto para o Novo Século Norte – Amanhã e o sucesso do desenvolvimento econômico chinês, tornaram mais provável do que nunca, nos quase dois séculos e meio desde a publicação de *A riqueza das nações*, a reconstrução da ideia de Adam Smith de uma sociedade mundial de mercado baseada em uma maior igualdade entre as civilizações.

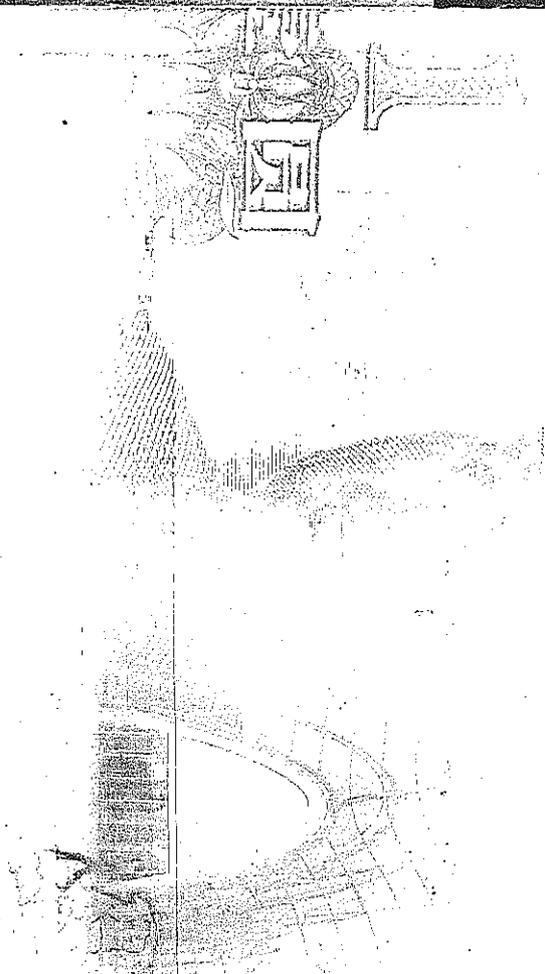
Giovanni Arrighi



ISBN 978-85-358-3443-3
9 788537 859113

KOTTECMAR
BRASIL

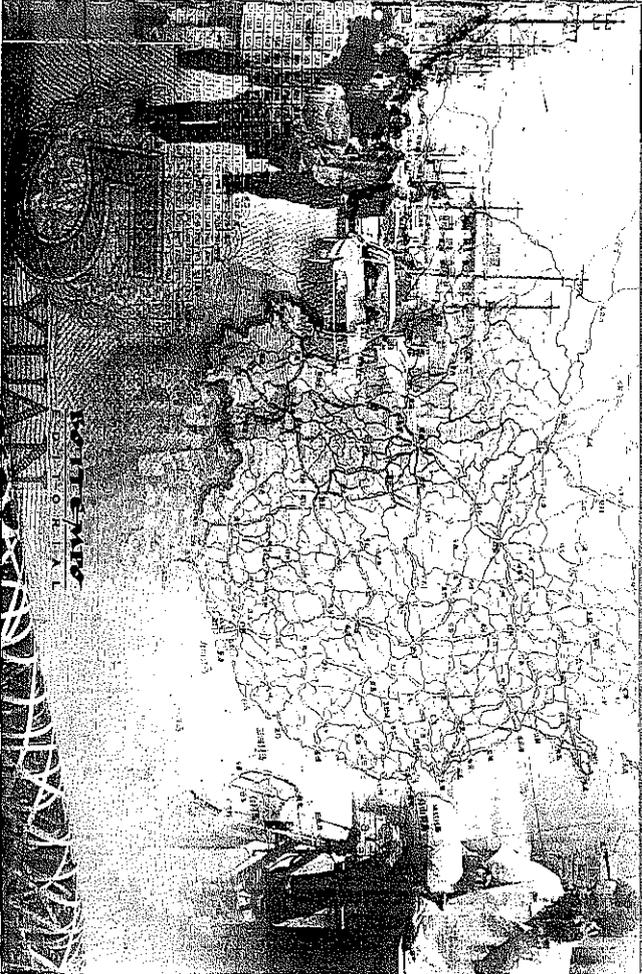
ADAM SMITH EM PEQUIM GIOVANNI ARRIGHI



ADAM SMITH EM PEQUIM

ORIGENS E FUNDAMENTOS DO SÉCULO XXI

GIOVANNI ARRIGHI



KOTTECMAR
BRASIL

John...
Adam Smith em Pequim...
Na guerra moderna, a grande despesa com armas de fogo dá vantagem evidente à nação que puder suportar melhor tal despesa...

ção que puder suportar melhor tal despesa, consequentemente, à nação opulenta e civilizada contra a nação pobre e bárbara. Antigamente, a nação opulenta e civilizada achava difícil se defender das nações pobres e bárbaras. Nos tempos modernos, a nação pobre e bárbara acha difícil se defender das nações opulentas e civilizadas. A invenção das armas de fogo [...] com certeza é favorável tanto à permanência quanto à ampliação da civilização.⁵⁵

Surtem de imediato dois conjuntos de perguntas. Em primeiro lugar, é possível que as vantagens conferidas às nações ricas pela guerra moderna, mantidas todas as outras condições, sejam maiores no caminho "antinatural" do que no caminho "natural" de desenvolvimento econômico, dado o papel maior que a indústria, o comércio exterior e a navegação desempenham nas primeiras? E se for assim, como a preferência de Smith pelo caminho "natural" de desenvolvimento pode ser conciliado com a prioridade que ele atribui à defesa em detrimento da opulência? Ou, dito de outro modo, as nações "opulentas e civilizadas" que se desenvolvem no caminho "natural" não se expõem à agressão de nações menos "opulentas e civilizadas" que se desenvolvem no caminho "antinatural", como já ocorreu com a Índia na época do próprio Smith e logo ocorreria também com a China? Em segundo lugar, e em relação íntima com as perguntas anteriores, se a riqueza buscada no caminho "antinatural" é fonte de força militar superior e se a força militar superior foi a razão pela qual os europeus puderam se apropriar dos benefícios da maior integração da economia global à custa das nações não europeias, fossem estas "bárbaras" ou "civilizadas", como sustenta Smith no trecho citado na "Introdução" deste livro, como é que o "comércio de todos os países para todos os países" poderia provocar a "igualdade de forças" entre as nações do mundo, como ele afirmou? Que forças, se que é que existe alguma, impediriam que esse comércio gerasse um círculo virtuoso de enriquecimento e de aumento de poder para os povos de origem europeia e um círculo vicioso de empobrecimento e de perda de poder para a maioria dos outros povos?

Essas perguntas vão bem além do horizonte da sociologia histórica de Smith. No entanto, são fundamentais para o que nos interessa. Para respondê-las, precisamos dar um passo atrás para reexaminar as diferentes concepções de desenvolvimento econômico descritas no capítulo 1 e um passo à frente para ver que luz as teorias de desenvolvimento capitalista de Marx e de Schumpeter podem lançar sobre o caso e o ressurgimento da Ásia oriental como principal região de desenvolvimento mundial.

Colombo...
Adam Smith em Pequim...
Na guerra moderna, a grande despesa com armas de fogo dá vantagem evidente à nação que puder suportar melhor tal despesa...

MARX, SCHUMPETER E A ACUMULAÇÃO "INTERMINÁVEL" DE CAPITAL E PODER

A reconstrução anterior da sociologia histórica de Adam Smith confirma que a "descoberta" de Smith em Pequim, discutida no capítulo 1, não é miragem. Não só o próprio Smith vê a China do fim do período imperial como exemplo de desenvolvimento com base no mercado, como via também que ela tinha avançado quase até onde podia chegar aquele desenvolvimento. Digo "quase" porque Smith achava que o maior envolvimento no comércio exterior, sobretudo se realizado com navios chineses, poderia aumentar ainda mais a riqueza nacional da China. Apesar dessa desvantagem, Smith considerava a China, mais que a Europa, o modelo de desenvolvimento econômico com base no mercado mais aconselhável a ser promovido pelos governos.

Nesse aspecto, a tese de Frank de que, segundo Smith, a "Europa chegou atrasada ao desenvolvimento, da riqueza das nações" é verdadeira apenas em parte. Smith acreditava que o desenvolvimento econômico da Europa ocorria em condições nacionais menores que a China e, ao mesmo tempo, ao longo de um caminho "antinatural", que ele considerava menos favorável ao interesse nacional do que o caminho "natural" da China. No entanto, em sua opinião, a Holanda atingiu uma situação de opulência semelhante à da China, ainda que em escala geográfica incomparavelmente menor.

Em termos mais gerais, o problema da noção de crescimento smithiano usada por Wong, Frank e Pomeranz, assim como por seus críticos (ver o capítulo 1), é que Smith teorizou que o desenvolvimento econômico ocorre não em um único caminho, mas em dois: o "antinatural" ou baseado no comércio exterior, típico da Europa, e o "natural" ou baseado no comércio interno, típico da China. Como...

Colombo...
Adam Smith em Pequim...
Na guerra moderna, a grande despesa com armas de fogo dá vantagem evidente à nação que puder suportar melhor tal despesa...

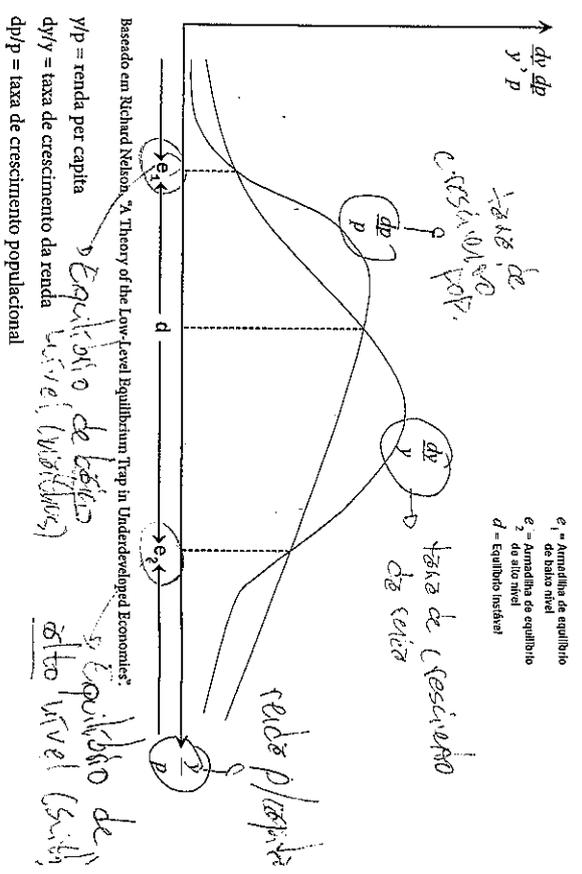
De Vries, Huang e Brenner, portanto, Smith considerava que a China e a Europa se desenvolveram em caminhos distintos; diversamente deles, no entanto, ele não via no caminho europeu maior potencial de crescimento do que no chinês. Ao contrário, considerava que os dois caminhos levavam a um estado estacionário ou equilíbrio de alto nível. A China e a Holanda já haviam atingido esse estado; mas o crescimento econômico de todos os países, inclusive as colônias norte-americanas ainda com "pouco patrimônio" e "subpovoadas", aos poucos acabariam chegando a um estado semelhante.

A noção de estado estacionário de Smith (e a noção de armadilha de equilíbrio de alto nível que dela deriva) não deveria se confundir, como sói acontecer com a noção malthusiana de obstáculos populacionais ao crescimento econômico. A diferença entre as duas pode ser esclarecida pela Figura 3.1, na qual e_1 representa o equilíbrio de baixo nível semelhante àquele teorizado por Malthus e e_2 representa o equilíbrio de alto nível semelhante ao estado estacionário teorizado por Smith.¹ O eixo horizontal x mostra o nível de renda per capita (y/p), sendo y a renda e p a população. O eixo vertical y mostra tanto a taxa de crescimento da renda (dy/y) quanto a taxa de crescimento populacional (dp/p). Assim, a curva dy/y descreve a relação entre a taxa de crescimento da renda (dy/y) e o nível de renda per capita (y/p). Postula-se que, até certo ponto, o nível crescente de renda per capita está associado ao aumento e , depois desse ponto, à queda da taxa de crescimento da

renda. A curva dp/p , por sua vez, descreve a relação entre a taxa de crescimento populacional (dp/p) e o nível de renda per capita (y/p). Postula-se que, até certo ponto, o nível crescente de renda per capita está associado ao aumento e , depois desse ponto, à queda da taxa de crescimento populacional. Embora as duas curvas tenham forma semelhante, como mostra o gráfico, supõe-se que a taxa de crescimento populacional suba mais acentuadamente do que a taxa de crescimento da renda nos níveis mais baixos de renda per capita e caia menos acentuadamente nos níveis elevados. Quando a curva dy/y é mais alta que a curva dp/p , a taxa de crescimento da renda excede a taxa de crescimento populacional e , portanto, a renda per capita (y/p no eixo horizontal) aumenta; e quando a curva dy/y está mais baixa do que a curva dp/p , a taxa de crescimento populacional excede a taxa de crescimento da renda e, portanto, a renda per capita (y/p no eixo horizontal) diminui.

¹ O gráfico da Figura 3.1 deriva de outro parecido, concebido originalmente por Richard Nelson para ilustrar sua teoria da armadilha de equilíbrio de baixo nível. Ver Richard Nelson, "A Theory of the Low-level Equilibrium Trap in Underdeveloped Economies", e, para representações mais elaboradas da mesma ideia, Harvey Leibenstein, *Economic Backwardness and Economic Growth* (ed. bras.: *Atraso e desenvolvimento econômico*).

Figura 3.1 - Armadilhas de equilíbrio de baixo nível (malthusianas) comparadas a armadilhas de equilíbrio de alto nível (smithianas)



Handwritten notes at the bottom of the page: "relações q. n. v. p. populacional de baixo nível -> cresce alto q. p. -> crescimento"

Adem Smith em Pequim

A Figura 3.1 também pode esclarecer a noção de Schumpeter de desenvolvimento econômico sem tendência inerente a transformar o arcabouço social no qual ocorre. Assim que uma economia consegue se livrar do equilíbrio de baixo nível e_1 , porque atingiu uma renda per capita mais alta que d , o crescimento econômico segue até que a diminuição da receita reduza a taxa de aumento da renda per capita ao mesmo nível da taxa de crescimento populacional. Quando isso acontece, a economia acomoda-se no equilíbrio de alto nível e_2 (estado estacionário de Smith) e um novo crescimento só é possível se a não visível do Estado (ou algum outro processo ou ação exógenos) fizer nascer um arcabouço social com maior potencial de crescimento, mudança que seria representada, na Figura 3.1, por uma elevação para a direita da curva dy/y . No entanto, essa mudança só permite que a economia prossiga até um equilíbrio mais elevado; ela não gera um processo de crescimento sem limite. Assim, uma representação como a da Figura 3.1 não pode retratar o que Schumpeter considera a característica mais importante do desenvolvimento *capitalista*: sua tendência a destruir os arcabouços sociais em que ocorre e criar condições para o surgimento de novos arcabouços com maior potencial de crescimento.

Ao afirmar que, antes da Grande Divergência, a Inglaterra já se desenvolvia num caminho de crescimento limitado, Huang e Brenner têm em mente o desenvolvimento caracterizado por esse tipo de tendência. Para Brenner, o ingrediente mais importante desse desenvolvimento era a separação entre os produtores diretos e os meios de produção, necessário para forçar os trabalhadores a vender sua força de trabalho a grandes unidades de produção, competindo entre eles. Ele afirma que a ausência dessa condição é a razão pela qual o desenvolvimento baseado no mercado não assumiu na China o caráter limitado que teve na Inglaterra. Huang admite que, até o século XVII, também havia na China grandes fazendas cuja base era o trabalho assalariado. Mas também vê sua subsequente substituição pela produção doméstica em pequena escala como a principal razão pela qual o desenvolvimento da China baseado no mercado não adquiriu as características mais dinâmicas do caminho europeu.

As posições de Huang e Brenner, derivadas da crítica da economia política de Marx para a qual nos voltaremos agora, contrastam de modo acentuado com as ideias expressas em *A riqueza das nações*. Ao elevar a produção em grande escala e a divisão técnica do trabalho a condição para o desenvolvimento econômico limitado, eles viram de cabeça para baixo a opinião negativa de Smith sobre os dois fenômenos. A tese de Sugihara sobre a importância duradoura da Revolução Industrial da Ásia oriental não questiona as vantagens competitivas da produção em grande escala com base no trabalho assalariado, típica do caminho europeu. Como do caso da Índia, a produção em grande escala com base no trabalho assalariado, típica do caminho europeu.

no tem seus próprios limites e, em segundo lugar) que, quando se alcançam tais limites, o caminho da Revolução Industrial da Ásia oriental é o que mais promete continuar o desenvolvimento econômico. Embora Sugihara não cite Smith nesse contexto, sua avaliação positiva das vantagens da produção doméstica em pequena escala, típica do caminho da Ásia oriental – mais notadamente, a conservação de uma força de trabalho capaz de realizar bem várias tarefas, de reagir com flexibilidade a variações do ambiente de produção natural e social e de prever, prevenir e resolver problemas relativos ao gerenciamento da produção – é eminentemente smithiana. Como veremos no capítulo 6, isso também é típico das teorias recentes sobre a chamada produção flexível. Será possível que o ressurgimento da Ásia oriental justifique ao menos alguns aspectos do ponto de vista smithiano sobre o desenvolvimento com base no mercado?

Para responder a essa pergunta, precisamos antes esclarecer o conceito de desenvolvimento *capitalista* baseado no mercado e sua importância para o entendimento da Grande Divergência e do atual ressurgimento econômico da Ásia oriental. Meu argumento, neste capítulo, é que as teorias de desenvolvimento capitalista de Marx e Schumpeter realmente apresentam ideias importantíssimas sobre a especificidade do caminho europeu de desenvolvimento. Mas são ainda menos úteis que a sociologia histórica de Smith para resolver a questão da relação entre o desenvolvimento da Europa, com base no comércio exterior, e a superioridade da força militar que, durante pelo menos três séculos, permitiu que os europeus se apropriassem da maior parte dos benefícios da crescente integração da economia global. Portanto, representarei as teorias de Marx e Schumpeter num arcabouço analítico que nos permitirá tratar da questão no restante do livro.

A acumulação "interminável" de capital

Em sua crítica da economia política, subtítulo de *O capital*, Marx não exprime somente opiniões diferentes de Smith sobre questões específicas, como a acumulação de capital e a queda da taxa de lucro ou a divisão social e técnica do trabalho. Ele segue uma linha de pesquisa totalmente diferente; altera, por assim dizer, a natureza e o tópico da conversa. Seus interlocutores não são os governos, os legisladores de Smith, mas as classes sociais. Seu assunto não é o enriquecimento e o aumento de poder das nações, mas o enriquecimento e o aumento de poder dos possuidores do capital diante dos possuidores da força de trabalho. Sua estratégia de pesquisa não privilegia a competição no mercado, mas sim o conflito de classes e a mudança técnica no local de trabalho. Assim, a crítica de Marx e Schumpeter à economia política de Smith é a crítica de uma perspectiva mais ampla.

Os mercados das Índias Orientais e da China, a colonização da América, o comércio colonial, o incremento dos meios de troca e das mercadorias em geral imprimiram ao comércio, à indústria e à navegação um impulso desconhecido até então [...] A pequena burguesia industrial suplantou os mestres das corporações; a divisão [social] do trabalho entre as diferentes corporações desapareceu diante da divisão [técnica] do trabalho dentro da própria oficina.⁷

No entanto, o que para Smith é caminho "antinatural" de desenvolvimento econômico, para Marx é caminho capitalista. E, mais importante, a preocupação de Smith com a necessidade de contrabalançar o poder capitalista com a ação do governo, assim como sua preferência pelo desenvolvimento com base na agricultura e no comércio interno, são completamente estranhas a Marx. Em sua opinião, com a criação da indústria moderna e do mercado mundial, os governos perderam toda a capacidade de contrabalançar o poder da burguesia, que "conquistou [...] a soberania política exclusiva no Estado representativo moderno", reduzindo os governos, na prática, ao papel de comitês para gerenciar seus negócios. Quanto às nações e civilizações asiáticas, que Smith tomava como exemplos do caminho "natural" de desenvolvimento e que, na descrição do próprio Marx, constituíram o mercado que tornou possível o surgimento do caminho capitalista europeu, não teriam possibilidade de sobreviver ao massacre da burguesia europeia. "Do mesmo modo que [a burguesia] subordinou o campo à cidade, os países bárbaros ou semibárbaros aos países civilizados, subordinou os povos camponeses aos povos burgueses, o Oriente ao Ocidente."⁸

Por estar inteiramente concentrado no poder de classe, Marx se esquece de nos dizer como a riqueza da burguesia pôde se traduzir com tanta facilidade em poder político, nacional e internacionalmente. Em termos nacionais, é provável que ele concordasse com Smith que a riqueza e a concentração geográfica davam à burguesia o poder de impor ao Estado seus interesses de classe específicos à custa do interesse nacional geral. No entanto, é evidente que achava que esse poder cresceria tanto desde a publicação de *A riqueza das nações* que toda tentativa de contrabalançá-lo a curto e médio prazos seria inútil. Contudo, também é possível que Marx discordasse de Smith e achasse que, ao menos em alguns países europeus, o interesse burguês agora coincidissem com o interesse nacional, no sentido em que o caminho capitalista, do qual a burguesia era portadora, passara a ser

⁷ Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto Comunista*, p. 41.
⁸ *Ibidem*, p. 42.
⁹ *Ibidem*, p. 44. [Note-se que onde se lê "povos camponeses" e "povos burgueses", o original inglês traz *nations of peasants* e *nations of bourgeois*. (N.E.)]

energias nacionais" (para parafrasear Antonio Gramsci).¹⁰
Marx é mais explícito, mas não muito coerente, quando trata dos mecanismos pelos quais o poder econômico da burguesia se traduz em poder de algumas nações diante das outras. O mecanismo mencionado no *Manifesto* e, em várias ocasiões, em *O capital* é a superioridade competitiva da produção capitalista. "Os baixos preços de seus produtos são a artilharia pesada que destrói todas as muralhas da China [...]"¹¹. No entanto, num dos capítulos finais do primeiro volume de *O capital*, Marx menciona explicitamente as guerras do ópio contra a China como exemplo da contínua importância da força militar como "parteira" da transformação capitalista da sociedade mundial.¹²

Como veremos no capítulo 11, mesmo depois que os canhões britânicos venceram a muralha de regulamentações governamentais que fechavam a economia de mercado da China, os mercadores e os fabricantes britânicos tiveram dificuldade para competir com seus colegas chineses na maioria das atividades. No que diz respeito à China, a força militar real, mais do que a artilharia metáforica das mercadorias baratas, foi a chave para a subjugação do Oriente ao Ocidente. Mesmo assim, precisamos saber o que tornou os "povos burgueses" militarmente superiores aos "povos camponeses" - ou, para sermos mais exatos, se e como o desenvolvimento econômico pelo caminho capitalista se associou a um crescimento maior do poder militar do que o desenvolvimento pelo caminho não capitalista com base no mercado. Sobre essa questão, Marx tem ainda menos a dizer que Smith. Ao se concentrar exclusivamente na ligação entre capitalismo e industrialismo, Marx acaba não dando nenhuma atenção à ligação íntima entre esses fenômenos e o militarismo. Mas mesmo o que ele diz sobre a superioridade econômica do desenvolvimento capitalista é menos direto do que o que Huang e Breunner indicam nos trechos citados no capítulo 1.

Isso nos leva a uma terceira diferença importante entre Marx e Smith. Como observamos no capítulo 2, enquanto a linha de pesquisa de Smith o leva da fábrica de alfinetes à investigação do mercado e da divisão social do trabalho, a linha de pesquisa de Marx leva-o à morada oculta da produção para investigar a relação entre trabalho e capital e a divisão técnica do trabalho. Nessas moradas, Marx descobre que a mudança técnica e organizacional se origina não só da competição entre capitalistas e do surgimento de novos ramos especializados de comércio e de produção, mas também do desenvolvimento de novas técnicas e métodos de produção. Isso nos leva a uma quarta diferença importante entre Marx e Smith. Como observamos no capítulo 2, enquanto a linha de pesquisa de Smith o leva da fábrica de alfinetes à investigação do mercado e da divisão social do trabalho, a linha de pesquisa de Marx leva-o à morada oculta da produção para investigar a relação entre trabalho e capital e a divisão técnica do trabalho. Nessas moradas, Marx descobre que a mudança técnica e organizacional se origina não só da competição entre capitalistas e do surgimento de novos ramos especializados de comércio e de produção, mas também do desenvolvimento de novas técnicas e métodos de produção.

¹⁰ Karl Marx e Friedrich Engels, *Manifesto Comunista*, p. 44.
¹¹ Karl Marx, *Capital* (1959), v. 1, p. 751.
¹² *Ibidem*, p. 44.

Adem Smith em Pequim
Adam Smith em Pequim

Como a autoexpansão do capital que está por trás do processo e abala constantemente qualquer equilíbrio existente entre os ramos de produção em qualquer momento específico: "As diferentes esferas de produção, é verdade, tendem constantemente ao equilíbrio [...]. Mas essa tendência constante ao equilíbrio [...] só se exerce na forma de reação contra a perturbação constante desse equilíbrio"¹⁶. Essa perturbação constante do equilíbrio é o que mais tarde Schumpeter chamou de "destruição criativa" do capitalismo.

Crises capitalistas e destruição criativa

Como antecipamos no capítulo 2, a ideia de que a acumulação de capital ao longo do tempo tende a reduzir a taxa de lucro, acabando por dar fim à expansão econômica, não é de Marx, mas de Smith. Para Marx, essa tendência é real, mas não é, de modo algum, obstáculo insuperável para uma nova expansão, como é para Smith. Ao contrário, "como representante da forma geral da riqueza - [isto é,] dinheiro -, o capital é o impulso infinito e ilimitado para superar sua barreira limitadora. [...] Todo limite surge como barreira a ser superada".¹⁷

De acordo com essa tendência, o capital leva para além das barreiras e dos preconceitos nacionais [...], assim como todas as satisfações tradicionais, confinadas, complacentes, enrijecidas de necessidades atuais e reproduções de antigos modos de vida. É destruído com tudo isso, revoluciona-o constantemente, inquietando todas as barreiras que impedem o desenvolvimento das forças de produção, a expansão das necessidades [...], e a exploração e a troca de forças naturais e mentais.¹⁷

Esse impulso infinito e ilimitado é inseparável da tendência à crise do desenvolvimento capitalista. Smith não fala de crises para caracterizar a situação de superacumulação, intensificação da concorrência, entre capitais e declínio da lucratividade que acaba pondo fim à expansão. Para ele, essa situação é resultado natural de um processo de desenvolvimento econômico embutido num ambiente geográfico e institucional específico e por ele limitado. Para Marx, ao contrário, a queda geral e persistente da taxa de lucro numa economia em que o comércio, a produção e a acumulação são todos realizados visando ao lucro está fadada a ser sentida como crise - ou seja, como período de instabilidade e funcionamento desordenado. O mais importante é que, depois de descartar a possibilidade de que os agentes capitalistas acumulem dinheiro como um fim em si mesmo, a queda da taxa de lucro é sentida como crise.

Este período de superacumulação e queda da taxa de lucro é o período de crise.
Ibidem, v. I, p. 355-6.
Idem, Grundrisse, Foundations of the Critique of Political Economy, p. 334, 408, 410.
Idem, op. cit., p. 355-6.
Idem, op. cit., p. 355-6.

mesmo - ou, mais corretamente, pelo poder social e político que transmite - e de desdenhar a subordinação ainda mais concreta do trabalho ao capital no processo de produção, Smith descartaria também a possibilidade das chamadas crises de superprodução. Marx, ao contrário, atribui no mínimo tanta importância a esse tipo de crise quanto às crises associadas à superacumulação de capital e à tendência de queda da taxa de lucro.

A superprodução é condicionada especificamente pela lei geral de produção de capital: produzir até o limite determinado pelas forças produtivas, ou seja, explorar o máximo de mão-de-obra com o máximo de capital, sem nenhuma consideração pelo verdadeiro limite do mercado ou pelas necessidades sustentadas pela capacidade de pagar, e isso é executado por meio [...] da constante reconversão de receita em capital, enquanto, por outro lado, a massa dos produtores permanece amarrada ao nível médio de necessidades e assim deve permanecer de acordo com a natureza da produção capitalista.¹⁸

A noção de crise de superprodução baseia-se em pressupostos contrários relativos à capacidade do salário real de acompanhar o aumento da produtividade da mão de obra, mais que à noção de crise de superacumulação. As crises de superacumulação ocorrem porque há lamania abundância de capital em busca de investimento nos canais estabelecidos de comércio e produção que a concorrência entre seus possuidores permite ao salário real subir no mesmo ritmo ou até mais depressa do que os aumentos da produtividade do trabalho. As crises de superprodução, ao contrário, ocorrem porque os possuidores do capital alcançam tão bom êxito em passar a pressão competitiva para a mão de obra que o salário real deixa de acompanhar o aumento da produtividade do trabalho, impedindo assim que a demanda agregada efetiva possa se expandir de par com a oferta agregada.

Como ressaltou Paul Sweezy, o pressuposto de que o salário real deixa de acompanhar o aumento da produtividade do trabalho é mais coerente com a teoria de Marx acerca da subordinação cada vez mais substancial do trabalho ao capital do que o pressuposto contrário.¹⁹ No entanto, a consistência teórica de Marx não nos diz respeito aqui.²⁰ De qualquer modo, para o nosso objetivo atual, o que mais in-

¹⁶ Idem, "Crisis Theory (from Theories of Surplus Value)", p. 465.
¹⁷ Paul Sweezy, *The Theory of Capitalist Development*, p. 100-8, 133-86 [ed. bras.: *Teoria do desenvolvimento capitalista: princípios de economia política marxista*].
¹⁸ Como ressaltou o próprio Sweezy, a questão de saber se a introdução das máquinas e outros aparelhos que pouparam trabalho consegue ou não impedir que o salário real aumente tão depressa quanto a produtividade do trabalho não pode ser resolvida em termos teóricos gerais (Paul Sweezy, *The Theory of Capitalist Development*, p. 105-6). Como veremos nos capítulos 5 e 6, essa questão pode ser resolvida em termos empíricos.

Marx, Schumpeter e a acumulação "interminável" de capital e poder

superacumulação
crise de superprodução
crise de superacumulação

Adain Smith, em Pequim
teressa na descrição que Marx apresenta das crises capitalistas não é sua origem, mas suas consequências - ou seja, o fato de que Marx as concebe como momentos de reorganização capitalista fundamental.

Assim como Smith, Marx enfatiza como a queda persistente e generalizada da taxa de lucro transforma a competição entre capitalistas de jogo de soma positiva, em que os capitais se beneficiam da expansão uns dos outros, em jogo de soma zero (ou até negativa), ou seja, em "competição assassina" cujo objetivo primário é tirar os outros capitais do negócio, mesmo que isso signifique sacrificar o próprio lucro, contanto que ajude a atingir o objetivo. Por trás dessa transformação está a existência de um excesso ou excedente de capital em busca de investimento na compra e venda de mercadorias acima do nível que impediria a taxa de lucro de cair abaixo do patamar considerado "razoável" ou "tolerável". Para impedir ou contrabalançar essa queda, o capital excedente precisa ser expulso.

Enquanto as coisas vão bem, a concorrência finge uma fraternidade operacional da classe capitalista [...], de modo que cada [capitalista] participa do espólio à proporção do tamanho do seu respectivo investimento. Mas assim que a questão não é mais dividir os lucros, mas sim dividir os prejuízos, todos tentam reduzir ao mínimo seu quinhão e jogá-lo sobre o vizinho - A classe, como tal, perderá inevitavelmente. Até que ponto cada capitalista individualmente [...] participará [do prejuízo] é decidido pela força e pela esperteza; a concorrência, então, torna-se uma luta entre irmãos hostis. O antagonismo entre o interesse individual de cada capitalista e o interesse da classe capitalista como um todo vem então à superfície; assim como, antes, a identidade daqueles interesses funcionava na prática por meio da competição.²¹

No entanto, a queda da taxa de lucro e a intensificação da luta competitiva não terminam no estado estacionário. Ao contrário, levam à destruição do arcabouço social no qual a acumulação está embutida e à criação de novo arcabouço. Na descrição de Marx, essa destruição criativa assume três formas principais: aumento do volume dos capitais e reorganização da empresa comercial; formação de população excedente e nova divisão internacional do trabalho; e surgimento de novos e maiores centros de acumulação de capital. Examinaremos rapidamente cada um deles.

Marx faz a distinção entre concentração de capital - aumento do volume dos capitais individuais advindos da acumulação - e centralização de capital que transforma "muitos capitais pequenos em poucos grandes". Quando a concorrência se intensifica e a taxa de lucro cai, os pequenos capitais "passam, em parte, para

as mãos de seus conquistadores e, em parte, desaparecem".
É a concentração dos capitais que leva à formação de grandes capitais.
No caso da centralização, os pequenos capitais são absorvidos pelos grandes.
Marx, Capital (1962), v. 3, p. 248.

O chamado excesso de capital sempre se aplica essencialmente a um excesso de capital cuja queda da taxa de lucro não é compensada pela massa de lucro [...] ou a um excesso que põe capitais incapazes de agir por conta própria à disposição dos administradores de grandes empresas, sob a forma de crédito.²²

É fundamental, nesse aspecto, o papel do sistema de crédito, que "se torna uma arma nova e terrível na batalha da concorrência e é [...] transformado num enorme mecanismo social de centralização dos capitais". A centralização, por sua vez, amplia e apressa a mudança tecnológica e organizacional:

a acumulação [...] é claramente um procedimento lentíssimo se comparado à centralização [...] O mundo ainda estaria sem ferrovias se tivesse de esperar até que a acumulação levasse uns poucos capitais individuais ao ponto de permitir a construção de uma ferrovia. A centralização [ao contrário] conseguiu isso num piscar de olhos por meio de sociedades anônimas.²³

A centralização e a reorganização do capital andam de mãos dadas com a formação do exército industrial de reserva e a reorganização da divisão internacional do trabalho. A extensão e a aceleração da mudança tecnológica e organizacional fortalecem a tendência do desenvolvimento capitalista a fazer uso intensivo do capital e a poupar mão de obra, gerando uma "população de trabalhadores relativamente supérfluos" - isto é, relativamente para a necessidade normal de acumulação de capital. Essa população excedente, então, fica disponível para novas rotas de desenvolvimento capitalista numa escala sempre crescente.

A massa de riqueza social, que sobeja com o avanço da acumulação e pode se transformar em capital adicional, lança-se freneticamente sobre ramos antigos da produção, cujo mercado se expande de repente, ou ramos recém-formados, como as ferrovias [...], cuja necessidade brota do desenvolvimento dos antigos. Em todos esses casos, deve haver a possibilidade de se lançarem de repente grandes massas de homens nos pontos decisivos sem prejuízo para a escala de produção em outras esferas. A superpopulação fornece essas massas.²⁴

Ao criar de modo endógeno um suprimento "ilimitado" de mão de obra - ou seja, como resultado do próprio processo de desenvolvimento capitalista - o moderno sistema industrial [...] adquire uma elasticidade, uma capacidade de

21 Idem, Capital (1959), v. 1, p. 625-6; Capital (1962), v. 3, p. 246.
22 Idem, Capital (1959), v. 1, p. 626-8.
23 Ibidem, v. 1, p. 628-32.
24 Idem, Capital (1959), v. 1, p. 626-8.
No caso da centralização, os pequenos capitais são absorvidos pelos grandes.
Marx, Capital (1962), v. 3, p. 248.

expansão súbita, aos pulos e saltos, que não encontra impedimento, a não ser no suprimento de matéria-prima e na distribuição da produção". E mesmo assim, esse impedimento é apenas uma barreira a ser superada. Não só a maquinaria "aumenta o suprimento de matéria-prima, do mesmo modo, por exemplo, que a descaroçadora de algodão aumentou a produção de fibra", como, mais fundamentalmente,

o preço baixo dos artigos produzidos pela maquinaria e os meios de transporte e comunicação aprimorados fornecem armas para conquistar o mercado externo. Ao arriunhar a produção manual em outros países, a maquinaria converte-os forçosamente em campos de fornecimento de matéria-prima. Desse modo [...] a Índia foi obrigada a produzir algodão, lá, canhamo, juta e anil para a Grã-Bretanha. Por tornar constantemente "superflua" parte da mão-de-obra, a indústria moderna, em todos os países onde lançou raízes, estimula a emigração e a colonização de terras estrangeiras, que são, portanto, convertidas em terrenos de produção de matéria-prima para a metrópole; assim como a Austrália, por exemplo, foi convertida numa colônia para produzir lã. Surge a nova e internacional divisão de trabalho, adequada às exigências dos principais centros da indústria moderna, que converte parte do globo num campo de produção principalmente agrícola para suprir a outra parte, que fica como terreno principalmente industrial.²⁵

Marx repete aqui a tese do *Manifesto* de que o preço baixo da indústria moderna foi a principal arma com que a burguesia europeia conquistou e reestruturou o mercado global. Entretanto, nesse contexto, a destruição das economias não capitalistas de outros países e a colonização de terras estrangeiras por meio da remoção e da reinstalação da população excedente criam não um mundo à imagem da Europa burguesa, como no *Manifesto*, mas um mundo de fornecedores de matéria-prima em benefício da indústria europeia. Voltaremos, nos capítulos seguintes, a essa discrepância, que reflete resultado bem diferente da reformulação do mundo, promovida pela Europa, em economias de mercado recém-criadas pela colonização europeia, como as Américas, e em economias de mercado há muito pressas numa armadilha smithiana de equilíbrio de alto nível, como a Índia e a China. Por enquanto, ressaltamos que a observação de Marx de que o sistema de crédito é "um enorme mecanismo social de centralização dos capitais" não se refere apenas aos capitalistas que operam dentro de determinada jurisdição política, mas também a capitalistas que operam em mais de uma jurisdição.

Isso nos leva ao terceiro resultado principal do processo de destruição criativa de Marx. Como a linha de pesquisa seguida no *Capital* abstrai o papel dos Estados

Com a dívida nacional, surgiu o sistema de crédito internacional, que esconde freqüentemente uma das fontes da acumulação primitiva nesse ou naquele povo. Assim, as vilanias do sistema veneziano de ladroagem constituíram uma das bases secretas da riqueza de capital da Holanda, a quem Veneza, em sua decadência, emprestou grandes quantias. E assim foi com a Holanda e a Inglaterra. No início do século XVIII [...] a Holanda havia deixado de ser a nação preponderante no comércio e na indústria. Um de seus principais ramos de negócio, portanto, [passou a ser] emprestar quantias enormes de capital, principalmente para a grande rival Inglaterra. [E] a mesma coisa está acontecendo hoje entre a Inglaterra e os Estados Unidos.²⁶

Marx nunca explicou as consequências teóricas dessa observação histórica. Apesar do espaço considerável dedicado ao "capital que lida com dinheiro" no terceiro volume de *O Capital*, ele nunca resgatou a dívida nacional de seu confinamento aos mecanismos de uma acumulação que "não resulta do modo de produção capitalista, mas é seu ponto de partida". No entanto, no trecho acima, o que surge como "ponto de partida" em centros novos (Holanda, Inglaterra, Estados Unidos) também é "resultado" de longos períodos de acumulação de capital em centros decedentes (Veneza, Holanda, Inglaterra). Num aspecto importante, a concepção de desenvolvimento nacional implícita nessa observação histórica concorda com a de Smith, porque reconhece que o tamanho dos "receptáculos" jurídicos-dionais nos quais o capital se acumula tem importância. Embora os quatro recipientes nos quais o capital se acumula tenham importância, baseados no comércio desenvolvido, em diversos graus, pelo caminho exploratório, baseado no comércio exterior - que Smith chama de "antinatural" e Marx de capitalista -, com o tempo tornaram-se pequenos demais para acomodar a acumulação "interminável" de capital sem provocar o declínio persistente da lucratividade. Marx só viveu o bastante para ver o início do declínio da Inglaterra. Entretanto, como veremos na segunda parte do livro, houve declínio persistente não só na Grã-Bretanha, como também, um século depois, nos Estados Unidos.

Apesar de suas expectativas otimistas sobre o impulso interminável do capitalismo para ultrapassar todas as barreiras limitadoras, Marx teve de admitir que,

Adam Smith em Pequim
O preço baixo dos artigos produzidos pela maquinaria e os meios de transporte e comunicação aprimorados fornecem armas para conquistar o mercado externo.

Marx Schumpeter e a acumulação "interminável" de capital e poder
A linha de pesquisa seguida no Capital abstrai o papel dos Estados

VEI

historicamente, esse impulso havia sido submetido àquele tipo de restrição física e institucional que Smith enfatizava. No entanto, isso só é verdadeiro quando temos a sequência de principais Estados capitalistas de Marx como uma série de discretos episódios nacionais de desenvolvimento capitalista, espacial e temporalmente delimitados. Mas se temos essa sequência como uma série de estágios interligados de desenvolvimento capitalista em escala mundial, obtemos um quadro diferente, que reitera a ideia do impulso do capitalismo para ultrapassar todas as barreiras limitadoras. Em outras palavras, Marx concorda implicitamente com Smith que todos os recipientes jurisdicionais que abrigaram as principais organizações capitalistas de uma dada época acabaram com "excesso de estoque" de capital e, assim, sofreram declínio de lucratividade e tendência à estagnação. Todavia, ele considera que o sistema de crédito internacional fornece capital como uma fuga da estagnação, por meio da migração para um recipiente maior - como os Estados Unidos em relação à Inglaterra, a Inglaterra em relação à Holanda e a Holanda em relação a Veneza - no qual sua expansão pode recomençar em maior grau. Portanto, até para Marx a tendência à expansão intermínível só se refere ao desenvolvimento do capitalismo em escala mundial, não no interior de um Estado específico.

A análise que Schumpeter faz da destruição criativa do capitalismo, como ele mesmo prontamente admitiu, cobre apenas uma pequena parte do terreno de Marx, mas tem a vantagem de destacar ideias fundamentais que a linha de pesquisa de Marx não trouxe à luz ou tendia a obscurecer. Uma dessas ideias é o conceito de prosperidade e de depressão como lados opostos do processo de destruição criativa. Para Schumpeter, a destruição incessante de antigas estruturas econômicas e a criação de novas por meio da inovação "não só constituem fontes importantes de ganho imediato, como também produzem, indiretamente, através do processo que põem em andamento, a maioria daquelas situações em que surgem ganhos e perdas inesperados e em que as operações especulativas adquirem alcance significativo".²⁷ Nesse processo, o excesso de lucro - "preços espetaculares" bem além dos necessários para atrair os esforços da pequena minoria que os recebe - tem duplo papel. Dá incentivo constante à inovação, mas também é um motor que impulsiona,

com muito mais eficácia do que faria a distribuição mais igualitária e mais "justa", a atividade daquela grande maioria de empresários que recebe de volta uma compensa-

²⁷ Joseph Schumpeter, *Capitalism, Socialism, and Democracy*, p. 83 [ed. bras.: *Capitalismo, socialismo e democracia*]; idem, *Business Cycles: A Theoretical, Historical, and Statistical Analysis of the Capitalist Process*, p. 80.

Entretanto, em vez de colher prêmios espetaculares, a "grande maioria" impedida para o setor ativa a concorrência, que não só elimina o excesso de lucro, como provoca prejuízos generalizados porque destrói as combinações produtivas preexistentes. Do mesmo modo, Schumpeter divide em duas fases o funcionamento incessante do processo de destruição criativa: a fase de revolução propriamente dita e a fase de absorção dos resultados da revolução.

Enquanto essas coisas estão sendo iniciadas, temos despesas ágeis e "prosperidade" predominante [...] e quando [elas] se completam e seus resultados aparecem, temos a eliminação de elementos antiquados da estrutura industrial e "depressão" predominante.²⁸

Na concepção de Schumpeter, as inovações voltadas para o lucro (e seu impacto sobre a pressão competitiva) aglomeram-se no tempo, gerando oscilações da economia como um todo, de longas fases de "prosperidade" predominante a longas fases de "depressão" predominante. No entanto, como já se argumentou, é igualmente plausível a hipótese de que elas também se aglomerem no espaço. Podem, então, substituir "quando" por "onde" na citação acima e tê-la como descrição da polarização espacial-de-zonas-de-"prosperidade" predominante e zonas de "depressão" predominante.²⁹

Apesar de se referir com frequência às estruturas industriais, o conceito de destruição criativa de Schumpeter tem a vantagem de definir de forma bastante ampla, como "realização de novas combinações", as inovações que embasam o processo. Elas incluem não apenas as inovações tecnológicas e organizacionais na indústria, mas também todas as inovações comerciais - a abertura de um novo mercado, de uma nova rota comercial, de uma nova fonte de suprimento, a comercialização de um novo produto ou a criação de uma nova organização de compras e de descarte de mercadorias - que consigam "conduzir" a economia para novos canais. Schumpeter chama os agentes dessa condução de "empreendedores", indivíduos que podem ser ou não "capitalistas", no sentido de que exercem controle substancial sobre os meios de produção e de pagamento, mas têm a capacidade de perceber e agarrar as oportunidades de excesso de lucro que pode ser aproveitado

²⁸ Schumpeter, *Business Cycles*, p. 84. ²⁹ Ibidem, p. 68. ³⁰ Ibidem, p. 68. ³¹ Giovanni Arrighi, Beverly J. Silver e Benjamin D. Brewer, "Industrial Convergence and the Persistence of the North-South Divide", p. 17-8. Ver também o capítulo 8 a seguir.

Adam Smith em Pequim

Capitalismo e desenvolvimento

por meio de um desvio do fluxo estabelecido da vida econômica. Como ilustração do que tem em mente, Schumpeter destaca "o tipo moderno de 'capitalismo industrial' [...], ainda mais quando se reconhece nele a identidade, de um lado, digamos, de empreendedor comercial da Venezuela do século XII [...] e, de outro, de potentado de aldeia que combina a agricultura e o comércio de gado, digamos, com uma cervejaria rural, uma pensão e uma loja".

Mas seja qual for o tipo, uma pessoa só é empreendedora quando realmente "realiza novas combinações"; e perde esse caráter assim que monta seu negócio, quando se limita a gerenciá-lo como os outros gerenciam seus negócios.³¹

Os capitalistas são donos do dinheiro, do direito ao dinheiro ou de bens materiais, e podem realizar funções empreendedoras, mas não são definidos por elas, cuja função específica é dar aos empreendedores os meios de pagamento necessários para empurrar o sistema econômico para novos canais. Tipicamente, isso ocorre por meio do fornecimento de crédito, e já que toda poupança e todos os fundos de reserva costumam fluir para instituições de crédito, e a demanda total de poder de compra, existente ou a ser criado, concentra-se nessas instituições, o "banqueiro" é "o capitalista por excelência. Está entre os que querem criar novas combinações e os possuidores dos meios produtivos".

Conceder crédito, nesse sentido, funciona como uma ordem dada ao sistema econômico para se acomodar aos propósitos do empreendedor, como uma ordem dada aos bens de que ele precisa: significa confiar a ele as forças produtivas.³²

Os produtores e os negociantes de poder de compra encontram empreendedores no mercado de dinheiro ou capital onde trocam o poder de compra presente pelo poder de compra futuro. "Na luta diária de preços entre os dois grupos, decide-se o destino das novas combinações."

Todos os planos e previsões para o futuro no sistema econômico afetam [o mercado de dinheiro], todas as condições da vida nacional, todos os eventos políticos, econômicos e naturais [...]. O mercado de dinheiro é sempre, por assim dizer, o *quartel-general* do

³¹ Joseph Schumpeter, *The Theory of Economic Development*, p. 66, 78, 131-6 [ed. bras.: *Teoria do desenvolvimento econômico*], Schumpeter destaca que os empreendedores "não formam uma classe social", como ocorre com os proprietários de terras, os capitalistas ou os operários: "Eles podem ser de qualquer classe social e, se bem sucedidos, passar para uma posição de classe mais privilegiada. Mas a posição de classe que pode ser atingida não é, como tal, uma posição de empreendedores, mas sim caracterizada como classe de proprietários de terras ou de capitalistas, conforme sejam usados os proventos da empresa." (p. 78-9).
³² *Ibidem*, p. 69, 74, 107.

Marx Schumpeter e a acumulação "interminável" de capital e poder

sistema capitalista, do qual saem as ordens para as várias divisões e aquilo que é debedido e decidido ali é sempre, em essência, o estabelecimento de planos para o desenvolvimento futuro.³³

Por mais diferentes que pareçam, as concepções de desenvolvimento capitalista de Marx e de Schumpeter mais se completam do que se contradizem. O próprio Schumpeter confessou que o que tinha a dizer sobre o desempenho do capitalismo apenas aprofundou o "[relato] nada menos que brilhante das realizações do capitalismo", que Marx fez no *Manifesto*.³⁴ E, na verdade, não consigo ver nada de que Marx pudesse discordar na descrição da destruição criada de Schumpeter que citamos. As diferenças entre Schumpeter e Marx dizem respeito basicamente às contradições e aos agentes que acabariam levando à superação do capitalismo como sistema social. Mas no que diz respeito à dinâmica capitalista, eles simplesmente a observaram de pontos de vista diferentes e, assim, viram facetas diversas, mas compatíveis, do fenômeno.³⁵

Reprise e trailer

Nossa reconceitualização do caminho "aninhatura" de desenvolvimento de Smith como caminho capitalista sugere que a fuga europeia da armadilha de equilíbrio de alto nível não foi uma novidade do século XIX. Ao contrário, a fuga da Revolução Industrial no século XIX foi precedida e preparada por fugas anteriores, realizadas com grandes reorganizações dos centros e das redes do capitalismo europeu. Essa tendência é inseparável do que tanto Smith quanto Marx destacaram como principal especificidade do caminho europeu: sua extroversão, sua inserção no mercado global e a direção "retrograda" do seu avanço do comércio exterior para a indústria e a agricultura. Desse ponto de vista, a prática generalizada de buscar na agricultura a origem ou a falta de dinâmica capitalista é enganosa. Para usar uma metáfora que Frank apreciava, isso lembra a famosa procura do relógio perdido debaixo do poste errado: a riqueza e o poder da burguesia europeia não se originaram da agricultura, mas do comércio exterior de longa distância; e mesmo a indústria só se tornou sua base principal depois de vários séculos.³⁶

³³ *Ibidem*, p. 125-6; destaques nossos.
³⁴ *Ibidem*, *Capitalism, Socialism, and Democracy*, p. 7.
³⁵ Ver John E. Elliott, "Marx and Schumpeter on Capitalism's Creative Destruction: A Comparative Restatement".
³⁶ Ver Giovanni Arrighi, *O longo século XX: dinheiro, poder e as origens de nosso tempo*, capítulos 2 e 3, e capítulo 8 a seguir. Sobre a metáfora do "relógio perdido", ver Andre Gunder Frank, *ReOrient: Global Economy in the Asian Age*, p. 338-9.
³⁷ *ReOrient: Global Economy in the Asian Age*, p. 338-9.

LER

Adam Smith em Pequim

so q. capitalismo é enganosos e a prática de atribuir ao desenvolvimento igualmente generalizada e enganosa e a prática de atribuir ao desenvolvimento

Erasmus

capitalista em nível nacional características que, historicamente, pertencem ao desenvolvimento capitalista em nível global e vice-versa. A teoria da centralização do capital de Marx e da crescente divisão técnica do trabalho em unidades de produção cada vez maiores, por exemplo, só é válida no nível global. Embora as ferrovias tenham sido inventadas e construídas pela primeira vez na Grã-Bretanha, apenas quando de sua introdução nos Estados Unidos em escala geográfica incomparavelmente maior — com a contribuição decisiva do capital excedente britânico — elas levaram à reorganização do capital em grandes empresas verticalmente integradas. Se o centro do desenvolvimento capitalista não tivesse passado da Grã-Bretanha para os Estados Unidos, talvez nunca ocorresse o grande salto adiante da divisão técnica do trabalho provocado por essa reorganização. Na verdade, apesar da Revolução Industrial, ou talvez por causa dela, durante o século XIX a Grã-Bretanha viveu a consolidação do capitalismo familiar e a redução, não o aumento, da integração vertical dos processos de produção³⁷.

Inversamente, a tese de que o desenvolvimento capitalista pressupõe a separação entre os produtores agrícolas e os meios de produzir sua subsistência, que Brenner deriva de Marx, tem alguma validade como descrição das condições que facilitaram o desenvolvimento do capitalismo na Grã-Bretanha. Entretanto, no nível global, essa separação mais parece ser consequência da destruição criativa do capitalismo — ou seja, a produção de uma população excedente relativa — do que uma de suas precondições. De todo modo, ela definitivamente não foi precondição para o desenvolvimento capitalista em outros países europeus, como França e Suíça, nem nos Estados Unidos, onde a base agrícola dos maiores avanços técnicos e organizacionais da história capitalista se assentou na destruição da população nativa, no transplante forçado de povos africanos escravizados e no povoamento com a população europeia excedente.

As dificuldades envolvidas na identificação da natureza capitalista do caminho europeu de desenvolvimento levou Frank a ver sua busca como "não muito melhor que a busca do alquimista pela pedra filosófica, que transforma o vil metal em ouro"³⁸.

³⁷ Sobre o papel das ferrovias na promoção da integração vertical e da administração burocrática da empresa capitalista, ver Alfred Chandler, *The Visible Hand: The Managerial Revolution in American Business*, cap. 3 a 5. Quanto aos indícios da persistência das empresas familiares e da redução da integração vertical na Grã-Bretanha durante o século XIX, ver Giovanni Arrighi e Beverly J. Silver, *Crises e governabilidade no moderno sistema mundial*, cap. 2.
³⁸ Andre Gunder Frank, *ReOrient*, p. 332, citando Chaudhuri sobre a analogia com a busca do alquimista pela pedra filosófica (cf. Kirti N. Chaudhuri, *Asia before Europe: Economy and Civilization of the Indian Ocean from the Rise of Islam to 1750*, p. 84).

W. S. Schmitz... Marx, Schumpeter e a acumulação "intermitente" de capital e poder... 1900...

A frustração de Frank é compreensível, e ele tem bases empíricas sólidas para rejeitar a tentativa de identificar as diferenças entre os caminhos de desenvolvimento da Europa e da Ásia oriental a partir da presença de "capitalistas" em uma região e da sua ausência em outra. Como observou William Rowe, e como confirmará nossa análise no capítulo II, "seja qual for a razão, as divergências entre a história chinesa e a ocidental desde 1500 não se devem ao fato de que o Ocidente progressista descobriu o capitalismo e o Estado moderno, e a China não"³⁹.

Como será discutido com mais detalhes no capítulo II, a característica que nos permite distinguir os caminhos de desenvolvimento com base no mercado da Europa e da Ásia oriental não é a presença por si só de instituições comerciais e governamentais específicas, mas sua combinação em estruturas de poder diferentes. Assim, o caminho "anatural" de Smith difere do caminho "natural" não porque tenha um número maior de capitalistas, mas porque os capitalistas têm maior poder de impor seu interesse de classe à custa do interesse nacional. Na reconstrução, que Marx faz do caminho "não natural" de Smith como caminho capitalista, esse poder maior transformou os governos em comitês de gerenciamento dos negócios da burguesia. Embora, na melhor das hipóteses, isso seja um exagero e, na pior, uma falsa caracterização da maioria dos Estados europeus, é provavelmente uma descrição bastante exata dos Estados que foram os líderes do caminho europeu de desenvolvimento. Como explica Bernard Braudel:

O capitalismo só triunfa quando se identifica com o Estado, quando é o Estado. Em sua primeira grande fase, a das cidades-Estado italianas de Veneza, Gênova e Florença, o poder estava nas mãos da elite endinheirada. Na Holanda do século XVII, a aristocracia dos Regentes governava a favor e até de acordo com as diretrizes dos negociantes, mercadores e emprestadores de dinheiro. Do mesmo modo, na Inglaterra, a Revolução Gloriosa de 1688 marcou a ascensão dos negócios ao trono, de modo semelhante ao que ocorreu na Holanda.⁴⁰

A não ser pelo acréscimo de Gênova e Florença a Veneza, e pela omissão do último líder do desenvolvimento capitalista (os Estados Unidos), é a mesma sequência de centros capitalistas declinantes e emergentes que, segundo Marx, estavam ligados entre si pela reciclagem do capital excedente por meio do sistema de crédito internacional. Nas duas sequências, os Estados que se identificaram com o capitalismo — as cidades-Estado italianas, o proto-Estado-nação holandês e final-mente o P. Colômbia (capítulo 5) — foram os primeiros a serem conquistados por outros Estados. Assim, a história da expansão do capitalismo é a história da expansão do P. Colômbia.

³⁹ William Rowe, "Modern Chinese Social History in Comparative Perspective", p. 262.
⁴⁰ Bernard Braudel, *Aperçus on Material Civilization and Capitalism*, p. 64-5 (ed. base: A dinâmica do capitalismo).

... a expansão do capitalismo...
Adam Smith em Pequim

mente, um Estado, o inglês, que passava pelo processo de se tornar não só Estado nacional, como também centro de um império marítimo e territorial que dava a volta ao mundo – foram maiores e mais poderosos que seus antecessores. Nossa tese será que é essa sequência de acumulação interminável de capital e poder que, mais que tudo, define o caminho europeu de desenvolvimento como "capitalista"; e, inversamente, que a ausência de algo comparável a essa sequência na Ásia oriental pode ser considerada o sinal mais claro de que, antes da Grande Divergência, o caminho de desenvolvimento da Ásia oriental era tão baseado no mercado quanto o europeu, mas não era portador da dinâmica capitalista.

Sustentaremos ainda que essa especificidade do caminho europeu de desenvolvimento só pode ser compreendida em conjunto com duas outras tendências. Uma é a tendência das crises de superacumulação a provocar longos períodos de expansão financeira que, parafusando Schumpeter, fornecem os meios de pagamento necessários para empurrar o sistema econômico para novos canais. Como sublinha Braudel, essa tendência não é uma invenção do século XIX. Em Gênova no século XVI e em Amsterdã no século XVIII, assim como na Grã-Bretanha no final do século XIX e nos Estados Unidos no final do século XX, "depois de uma onda de crescimento [...] e de acumulação de capital em escala que ultrapassa os canais normais de investimento, o capitalismo financeiro já estava em condições de tomar posse e dominar, pelo menos por algum tempo, todas as atividades do mundo dos negócios"⁴¹. Embora a princípio essa dominação tenda a reaninhar a fortuna dos centros capitalistas oficiais, com o tempo ela se torna fonte de turbulência política, econômica e social, no decorrer da qual os arcaísmos sociais de acumulação existentes são destruídos: o "quartil-general do sistema capitalista", no sentido que Schumpeter dá à expressão, desloca-se para novos centros; e criam-se arcaísmos sociais de acumulação mais abrangentes sob a liderança de Estados ainda mais poderosos⁴². Se e até que ponto a expansão financeira liderada pelos Estados Unidos nas décadas de 1980 e 1990 se encaixa nesse padrão é tema da segunda parte deste livro.

No entanto, nem a expansão financeira recorrente do capitalismo histórico nem a sequência de Estados cada vez mais poderosos com que o capitalismo se identificou podem ser compreendidas a não ser em relação a outra tendência: a intensa competição entre Estados pelo capital móvel, que Max Weber chamou de

Especificação 02
A resolução 11, artigo 10
da Assembleia Geral da ONU, em 1954

Marx, Schumpeter e a acumulação "interminável" de capital e poder

"distinção histórica mundial da época [moderna]"⁴³. Essa tendência é a chave para resolver o problema da relação entre capitalismo, industrialismo e militarismo, implicitamente levantado mas não resolvido por Smith e sobre o qual nem Marx nem Schumpeter tinham nada de interessante a dizer. Como notamos no capítulo 2, a observação de Smith de que a grande despesa da guerra moderna dá vantagem militar às nações ricas sobre as pobres suscita duas perguntas intimamente ligadas. A primeira: dado o importante papel que a manufatura, o comércio exterior e a navegação tiveram no caminho de desenvolvimento "anti-natural" – que, acompanhando Marx, rebatizamos de caminho capitalista –, os países que se desenvolvem por ele adquiriram vantagem militar não só sobre as nações pobres, mas também sobre as economias de mercado ricas que se desenvolvem pelo caminho "natural" de Smith? E a segunda: se a riqueza buscada no caminho capitalista é fonte de força militar superior, e se a força militar superior é a razão pela qual os europeus puderam se apropriar dos benefícios da maior integração da economia global à custa das nações não europeias, como sustenta Smith, que forças podem impedir que essa integração reproduza a operação conjunta de um círculo virtuoso de enriquecimento e de aumento de poder dos povos de origem europeia e de um círculo vicioso de empobrecimento e de perda de poder da maioria dos outros povos?

Essas perguntas serão respondidas na terceira e na quarta parte do livro. A terceira parte se concentrará especificamente na acumulação de capital e de poder aparentemente "interminável" do caminho capitalista, que culminou com a tentativa norte-americana de criar, pela primeira vez na história mundial, um Estado verdadeiramente global. Mostrará que a sinergia entre capitalismo, industrialismo e militarismo, impulsionada pela competição entre Estados, gera realmente um círculo virtuoso de enriquecimento e de aumento de poder dos povos de origem europeia e um círculo vicioso correspondente de empobrecimento e perda de poder para a maioria dos outros povos. Parte integrante dessa tendência é a polarização espacial do processo de destruição criativa numa zona de predominância de prosperidade, que acabou sendo o Norte global, e uma zona de pre-

⁴¹ Max Weber, *Economy and Society*, p. 354 [ed. bras.: *Economia e sociedade*]. Segundo Weber, enquanto na época pré-moderna a formação dos impérios mundiais eliminava liberdades e poderes das cidades que constituíam os *loci* principais da expansão capitalista, na época moderna esses *loci* caem sob o domínio de "Estados nacionais concorrentes numa condução de luta perpétua pelo poder na paz ou na guerra. [...] Os Estados separados lutam de competir pelo capital móvel, que lhes dazera as condições para ajudá-los a chegar ao poder." Foi essa luta competitiva que criou as maiores oportunidades para o capitalismo moderno (Max Weber, *General Economic History*, p. 249 [ed. bras.: *História geral da economia*]).

11/10/2011

dominância de depressão, que acabou sendo o Sul global. Mas mostrará também, em primeiro lugar, que essa polarização provocou problemas cada vez mais insuperáveis de legitimidade social e política para a reprodução da dominação do Norte e, em segundo lugar, que a tentativa dos Estados Unidos de superar esses problemas pela via coercitiva saiu pela culatra e criou oportunidades sem precedentes para o aumento do poder social e econômico dos povos do Sul global.

A quarta e última parte do livro se concentrará nas condições históricas mundiais que permitiram à China ser pioneira desse aumento de poder. A tese de Sughara de que a intensa competição entre os Estados Unidos e a União Soviética durante a Guerra Fria e o surto de nacionalismo do antigo mundo colonial criaram conjuntamente, na Ásia oriental, um ambiente geopolítico favorável para a hibridação dos caminhos da Revolução Industrial e da Revolução Industrial será reformulada em meus próprios termos e desdobrada em duas novas direções. Em primeiro lugar, argumentarei que os próprios caminhos da Revolução Industrial e da Revolução Industrial tiveram origem nos ambientes geopolíticos contrastantes surgidos na Europa e na Ásia oriental no decorrer do que Braudel chama de "longo" século XVI com relação à história europeia (1350-1650)⁴⁴ e que corresponde quase exatamente à era Ming da história da Ásia oriental (1368-1643). Mostrarei que essa diferença de ambiente geopolítico constitui explicação simples, mas convincente, do surgimento de dois caminhos distintos de desenvolvimento na Europa e na Ásia oriental que, no devido tempo, levaram à Grande Divergência. Mas também argumentarei que a superioridade do caminho europeu em relação ao caminho asiático-oriental dependeu fundamentalmente da sinergia entre as capacidades financeira e militar, coisa difícil de manter numa economia global cada vez mais integrada e competitiva. Assim que a sinergia deixou de funcionar, como ocorreu nas últimas décadas do século XX, o Japão tornou-se o precursor e a China a portadora do caminho de desenvolvimento híbrido e baseado no mercado, que, parafasando Fairbank, continua a causar confusão dentro e fora da China.

SEGUNDA PARTE

Rastreamento da turbulência global

⁴⁴ Fernand Braudel, *Civilization and Capitalism*, v. 3: *The Perspective of the World*, p. 79.